

OPINIÃO

Ninguém segura esse rojão

Vladimir Fernandes Maciel (*)

Sabemos que a economia do Brasil já não estava bem. E não é de agora

Desde 2014, a atividade econômica passou a desacelerar e acumulamos dois anos de profunda recessão, seguidos de uma lenta recuperação. Esse desempenho foi decorrente de políticas monetária e creditícia populistas e dos anos de farras fiscal com aumento dos gastos do governo e concessão de subsídios para estimular uma economia de 2009 a 2014 - na lógica do ciclo político eleitoral.

Como resultado, a dívida interna saltou da casa de 30% do PIB para 80% num período de menos de 10 anos, fora a inflação que chegou a ultrapassar 10% anuais em 2015. Nos últimos anos, a despeito das dificuldades políticas, estava ocorrendo um esforço para conter o crescimento da despesa pública e conduzir reformas estruturantes que serviriam para gerar, no futuro, superávits primários e diminuir o ritmo de crescimento, ou até mesmo, reduzir a relação da dívida pública interna em relação ao PIB.

A expectativa ao final de 2019 era um crescimento de 2% do PIB. Um valor ainda medíocre, porém, representaria um avanço nas condições econômicas e contribuiria para reduzir o desemprego, mesmo que modestamente. A pandemia do Coronavírus, todavia, trouxe uma reviravolta nos cenários econômicos para o Brasil.

As consequências econômicas negativas geradas pela necessidade de combater a disseminação em massa do vírus e a sobrecarga do sistema de saúde, aliada aos problemas que já afetavam a economia brasileira neste ano - por conta da imperícia política da Presidência da República em sua relação com o Congresso e da perda de atividade decorrente do Coronavírus nos mercados internacionais - criaram as condições perfeitas de um grande choque de oferta na economia nacional.

De acordo com a publicação The Economy in the Time of Covid-19, do Banco Mundial, a reversão da atividade econômica em 2020 significará uma queda de 5% no PIB brasileiro. Um dos piores desempenhos macroeconômicos esperados na América Latina. A dificuldade de rolar a dívida pública em prazos alongados já estava se fazendo presente neste começo de 2020. Agora torna-se ainda pior.

As medidas de apoio à área de saúde, à atividade econômica e à necessária política

de transferência de renda à população mais vulnerável têm efeitos sobre o endividamento público porque representam despesas adicionais sem contrapartida de receita.

O oportunismo dos congressistas, representando os interesses dos governadores e prefeitos de transferirem todos os problemas fiscais e o endividamento público já existente dos entes federativos para o governo federal resultará numa explosão da dívida pública.

Não haverá segurança do mercado para emprestar ao governo o montante necessário e no prazo desejável. Corremos o risco de voltar às condições da década de 80, com dívida pública rolada 100% diariamente e com emissão de moeda para cobrir os rombos fiscais. Isso tudo acompanhado de processo inflacionário elevado e persistente.

A tentação trazida por uma crise de proporções, nunca vistas desde a Grande Depressão da década de 1930, é que os governos mostrem a veia autoritária, estatizante, populista e inconsequente. O temor não se refere à crise que já está ocorrendo, mas como sairemos dela. Haverá um compromisso crível do governo em ambiente de corrida eleitoral?

A equipe econômica conseguirá cumprir a promessa de desarmar a bomba fiscal? A política monetária será na direção de reverter o aumento corrente necessário de liquidez na economia? A teoria econômica da escola da Escolha Pública (Public Choice) não acredita que isso acontecerá. A tendência é que o "tudo ou nada" para ganhar a eleição transforme a recuperação da economia brasileira em um embrião para o descalabro econômico.

A questão não é se o governo deve fazer as políticas monetárias e fiscais necessárias para atravessar a crise do Coronavírus, mas como sairemos dessa situação sem comprometer mais uma década de crescimento econômico, redução da pobreza e aumento do bem-estar.

Estamos no "fundo do poço", mas não podemos fazer um esforço para "cavar ainda mais fundo".

Parafrazeando Chico Buarque de Holanda, "tem muito samba, muito choro e rock'n'roll. Uns dias chove, noutros dias bate sol. Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui está preta. (...) Ninguém segura esse rojão".

(*) - Mestre em economia de empresas e doutor em administração pública e governo, é coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica e professor do Mestrado Profissional em Economia e Mercados da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O protagonismo do departamento de TI no futuro pós-pandemia

Visando garantir a continuidade das operações e a integridade dos dados, a área de TI representa uma válvula de escape fundamental em termos de estabilidade e otimização processual

Everton Moreira (*)

Entre os inúmeros desafios provocados pelo período de distanciamento social e a luta contra os efeitos do Coronavírus, algumas questões serviram para demonstrar a importância de se adotar um olhar estratégico sobre a Tecnologia da Informação. Mais do que abraçar a transformação digital e aplicá-la à realidade empresarial, a necessidade de se manter uma estrutura interna capaz de suportar mudanças forçadas que o momento exigiu.

Evidentemente, os gestores tiveram que se desdobrar para encontrar alternativas em meio à incerteza disseminada pelo vírus, sem qualquer possibilidade de se apoiar em um planejamento prévio. Mesmo com o cenário complexo que o país ainda enfrenta, é imprescindível que ações sejam formuladas visando o pós-pandemia e compreendendo projeções de acordo com o impacto de um contexto econômico fragilizado.

Pensando nisso, preparei um artigo a fim de indicar a importância do departamento de TI nesse sentido. Acompanhe!

Recuperação das empresas terá origem tecnológica

Em tempos de economia estabilizada e um otimismo latente no meio, parece muito mais simples deixar a zona de conforto e implementar soluções inovadoras. No entanto, a oportunidade de se repensar operações com a finalidade de reduzir custos e simplificar tarefas vai de encontro direto à contribuição da tecnologia. O investimento nessa área não deve ser encarado como um gasto secundário ou até desnecessário, pelo contrário, trata-se de uma opção decisiva para a reconstrução de uma cultura organizacional consolidada.

Segundo conclusões de um relatório elaborado pela Accenture, a tecnologia será base central para a recuperação das empresas afetadas pela pandemia global da COVID-19. Alto poder de avaliação e monitoramento, métodos eficazes de se assegurar a saúde dos profissionais sem alterar o campo de atuação e a produtividade como um todo, são alguns exemplos que justificam o protagonismo da máquina.

LGPD de volta à pauta

Antes da chegada do Coronavírus, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) certamente representava uma das principais preocupações de



líderes e gestores. A nova legislação chegaria para regulamentar o uso de informações armazenadas pelas empresas, atribuindo o devido valor ao consentimento e à segurança desse conteúdo cedido por terceiros. Com o estado de calamidade pública e os diversos obstáculos no campo empresarial, o Senado Federal optou por postergar a lei. Hoje, ainda é complicado estimar com exatidão quando a LGPD entrará de fato em vigor, mas no pós-pandemia, a tendência é de que o assunto volte a habitar o vocabulário das empresas.

Corresponder às exigências previstas pela lei de regulamentação informacional é praticamente impossível sem um setor de TI preparado para recebê-la. Em outras palavras, é essencial se pensar em como ferramentas automatizadas podem ajudar no fluxo responsável de dados, assim como um banco integrado que minimize a possibilidade de falhas críticas ocorrerem.

Decisões assertivas indicam caminhos melhores

Tomar uma decisão acertada e que provoque os resultados estimados talvez seja um dos objetivos mais comuns na vida de um gestor. Com razão, afinal, a amplitude de uma ação bem-sucedida no mercado traz ganhos e benefícios pesados para o futuro do negócio. No futuro pós-pandemia, em que as reais

“Segundo conclusões de um relatório elaborado pela Accenture, a tecnologia será base central para a recuperação das empresas afetadas pela pandemia global da COVID-19.”

consequências de um período tão traumático ainda serão absorvidas e sentidas na prática, o impacto de uma decisão tomada com assertividade é de um valor operacional imensurável. Análises preditivas e indicativos classificatórios respaldados pela máquina são trunfos indispensáveis para auxiliar a figura de liderança a escolher melhores caminhos.

Por fim, volto a destacar a importância de se

priorizar a sustentação de um departamento de TI capacitado. Se oportunidades foram encontradas em meio à adversidade, a transição para uma cultura interna em plena sintonia com preceitos defendidos pela transformação digital deve ser encarada sob uma ótica extremamente positiva. Não só como um método de contenção temporário, mas uma forma de se garantir um futuro de excelência operacional e segurança fiscal.

E como você enxerga o papel do TI no futuro pós-pandemia? Faça essa reflexão e participe do debate!

(*) É CEO da Avanter. Tecnologia aliada ao crescimento das companhias, a Avanter é mais que um parceiro tecnológico. Com sólidos conhecimentos e experiência em operações de missão crítica, a empresa participa tanto do lado da sustentação tecnológica quanto do planejamento estratégico de seus clientes, levando a tecnologia como ferramenta de evolução. Atua com quatro frentes: Infraestrutura, Telecom, E-commerce e Aplicativos, além disso mantém uma matriz em São Paulo e filial em Florianópolis, um dos polos tecnológicos do Brasil.



News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

RICS e Construtivo intensificam prática do BIM

Uma das tecnologias que permite visualizar e adaptar rapidamente o plano e as estratégias de trabalho no setor de construção é o BIM (Building Information Modeling). A ferramenta integra, em um modelo 3D, todas as áreas envolvidas no projeto, como engenheiros e arquitetos, colaboradores em campo, fornecedores, construtoras etc, reunindo informações de cada etapa da obra. Desta forma, se torna possível reorganizar os projetos de forma ágil e sem a necessidade de reuniões físicas, permitindo prevenir a incompatibilidade de projetos e, com isso, melhorar o orçamento e garantir a transparência e o dos níveis de processos (<https://www.rics.org/pt-br/>).

ServiceNow revoluciona fluxos de trabalho

A ServiceNow, companhia líder em fluxos de trabalho, apresentou novos produtos para telecomunicações e serviços financeiros e detalhou sua estratégia voltada ao setor de saúde e ciências da vida. A companhia oferecerá fluxos de trabalho específicos para cada setor a fim de ajudar clientes desses mercados a acelerar sua transformação digital para que o trabalho flua em qualquer circunstância e em qualquer lugar. A ServiceNow também anunciou que fez uma parceria estratégica com a KPMG para colocação no mercado, de forma a apoiar prestadores de serviços de saúde durante a digitalização de seus fluxos de trabalho clínicos e empresariais.

ignio™ AI.Digital Workspace para transformar a experiência no local de trabalho

A Digitate, empresa de software da Tata Consultancy Services (TCS), (BSE: 532540, NSE: TCS), líder em soluções de negócios, consultoria e serviços de TI, anuncia o lançamento do ignio™ AI.Digital Workspace. A solução para gestão da experiência do usuário final e autocorreção auxilia funcionários e equipes de service desk a elevar

os níveis de produtividade e alcançar melhores resultados de negócio. Com base nos principais recursos de inteligência artificial e Machine Learning do ignio, a ferramenta realiza proativamente a análise de causas prováveis, triagens e corrige problemas em dispositivos de endpoint e outras tecnologias antes que os usuários finais percebam. Respostas rápidas e resolução ágil de problemas com uma abordagem de autoatendimento proporcionadas pelo ignio AI.Digital Workspace dispensam chamadas telefônicas, formulários ou longas esperas, poupando tempo e recursos da central de atendimento e garantindo melhores experiências aos funcionários. Isso resulta em mais visibilidade sobre os endpoints e espaços de trabalho personalizados e sensíveis ao contexto (www.digitate.com).

Sistema Controla Bem

Visando uma redução de erros no negócio, bem como mobilidade e redução de custos que a Gigatron Franchising (rede desenvolvedora de software para empresas do varejo) desenvolveu o sistema Controla Bem. O software está no mercado desde 2016 e vem proporcionando uma experiência muito positiva. Trata-se de um sistema de gestão completo em SaaS, que conta com diversos recursos melhorando e facilitando a vida do usuário, como frente de caixa, integração com o PDV portátil, ou seja o cliente pode vender e gerenciar sua empresa através da sua máquina de cartão ou até mesmo celular, além de emitir nota fiscal, boleto bancário, entre outros controles que o ajudam a tomar decisões no dia a dia. Entre as principais vantagens dessa ferramenta ao negócio é ter um produto que pode ser acessado de qualquer lugar ou plataforma. Basta ter uma conexão com a internet, além da fácil mobilidade de atividades, como por exemplo, visualizar as métricas da empresa de forma rápida e fácil e também poder emitir uma nota fiscal do próprio celular. Possibilitando assim, garantir um controle financeiro eficiente e uma preocupação com o planejamento das finanças (www.gigatron.com.br).

Soluções inovadoras

O momento de isolamento social, por conta da pandemia de coronavírus, mudou completamente a nossa forma de viver, interagir, trabalhar e estudar. Por isso, a mais recente edição do Grand Prix SENAI de Inovação desafiou alunos

a encontrarem soluções capazes de melhorar a vida das pessoas e a produtividade na indústria nestes novos tempos em que a preocupação com a doença tomou conta do dia a dia de todos (<http://plataforma.gpinovacao.senai.br/>).